

Entrevista de Wilson Luiz da Silva

Astelpar: Boa tarde seu Wilson.

Wilson: Boa tarde.

Astelpar: Conta-me sobre o senhor.

Wilson: eu nasci em 18 de julho de 1924, em Passa Vinte, Estado de Minas Gerais, no berço de uma família de cinco irmãos, duas mulheres e três homens. Com dois anos de idade meus pais saíram de Passa Vinte, onde trabalhava num engenho de cana-de-açúcar, para se aventurar no plantio de café na cidade de Cambará, norte do Paraná.

Astelpar: Quando o senhor começou a trabalhar.

Wilson: eu comecei muito cedo, com oito anos de idade, ajudando o meu pai na lavoura, pois essa era a maneira que ele tinha arrumado para punir os filhos mais peraltas, e eu era um deles.

Quando adolescente fui trabalhar como motorista na empresa Ortigosa de Cambará, que fazia transporte de madeira para Santo Antônio da Platina, Jacarezinho e Ourinhos.

Em 1942, sai de Cambará e fui para Cornélio Procópio, trabalhei como motorista de um posto de gasolina internacional, cujo dono era fazendeiro e secretário da Prefeitura. Ele era um explorador, aproveitava dos meus dias de folgas, na época da colheita de café, e me fazia transportar todo o café colhido da fazenda dele para os distribuidores.

Astelpar: O senhor frequentou escola.

Wilson: Sim. Dividia o trabalho com os estudos e o time de beisebol. Na fazenda em que eu morava, a maioria das pessoas eram imigrantes vindos do Japão, e como a dificuldade de comunicação era muito grande, o dono da fazenda contratou dois professores da língua portuguesa e um da língua japonesa para ensinar as crianças, e eu comecei estudar japonês também para poder interagir nas brincadeiras que ocorria durante os intervalos das aulas, e foi assim que eu aprendi a falar japonês, hoje, já não falo tão bem, mas não me esqueci da dinâmica da língua.

Astelpar: Como era a sua vida na fazenda.

Wilson: Eu gostava muito da fazenda, a única coisa que me assustava, naquela época, era os revolucionários da Revolução de 32, que invadiam as fazendas e caçavam animais para se alimentarem e pessoas para integrar no movimento, e quando eles estavam na redondeza todos os moradores da fazenda se escondiam no meio do cafezal, por horas, de medo de serem levados. Eles caçavam os animais e as pessoas no pontapé.

Astelpar: Como foi a vida do senhor no período da II Guerra Mundial.

Wilson: Em 1942, eu completei 18 anos e fui convocado para o serviço militar, a II Guerra Mundial estava em escalada e o 1º Sargento do Tiro de Guerra de Cornélio Procópio me dispensou alegando que ele era funcionário público e não precisava servir o exército, e em seguida emitiu uma Carteira de Reservista de terceira categoria, que garantia que eu só iria ser chamado para o exército caso o Brasil entrasse na guerra. Eu não era funcionário público, mas como o meu patrão era não sei se o 1º sargento me confundiu com ele ou fez de propósito para eu continuar trabalhando. Não falei nada, pois assim não corri o risco de ser convocado para a guerra.

Astelpar: Quando senhor construiu a sua família.

Wilson: Em 1951, ainda em Cornélio Procópio, casei com a minha primeira mulher Alice Guimarães da Silva o qual vivi por sessenta e dois anos, nove meses e três dias, a maior dor que já senti foi ver o sofrimento causado pela doença dela, se não fosse a ajuda de uma neta naquele momento eu estaria desorientado por muito tempo. Juntos tiveram dois filhos, Wagner (73) e

Marco Antonio (67) que me deram oito netos, onze bisnetos e três tataranetos. Em 2015 a 2023, fui casado com Elci Martins Morales.

Astelpar: Quando o senhor começou trabalhar na TELEPAR.

Wilson: No ano de 1973, só mesmo a vontade de dar uma boa educação para meus filhos que me fez vir para Curitiba, chegando aqui eu deslumbrei iniciar uma carreira na Companhia de Telecomunicações do Paraná, onde havia uma vaga de emprego de motorista, no Departamento de Engenharia de Infraestrutura - EDI, fiz o teste e passei.

Astelpar: Como foi a vida profissional do senhor na Telepar.

Wilson: Dentro do quadro de pessoal da Telepar eu acho que me destacava como um homem gentil e educado. Contribuí junto com a minha equipe de forma exemplar para o crescimento da empresa. A vida de motorista para mim já me deixava feliz, e eu fiquei mais feliz ainda quando tive a oportunidade de fazer um curso eletrônico de três anos, nos intervalos das atividades que exercia como motorista. Assim quando terminei o curso fui promovido para o cargo de Auxiliar Técnico C e tive a oportunidade de viajar pelo Paraná.

Astelpar: Qual é a situação mais difícil que o senhor enfrentou no trabalho.

Wilson: Eu trabalhei 19 anos na Telepar, e o único momento de profunda tristeza e frustração que passei, na minha trajetória por lá, foi quando a minha chefia solicitou a minha aposentadoria sem me avisar. Eu estava ampliando o grupo gerador da Central de Paranavaí, quando a secretária do meu chefe pediu para que eu voltasse para Curitiba porque a minha aposentadoria tinha saído, respondi para ela, mas eu não pedi aposentadoria, você só pode estar brincando! Ela respondeu foi o meu chefe que pediu para ligar para o senhor e se o senhor quiser mais informação liga para ele.

Eu não me conformei com o procedimento e acabei adoecendo, tive que fazer terapia, mas a terapeuta sugeriu que eu fosse para o camping da Telepar na praia, e que ficasse pelo menos dois meses lá, para me acostumar com a aposentadoria, mas a saudades do trabalho era muito grande, fiquei três dias e voltei.

Astelpar: Como fez para recuperar a sua saúde depois deste episódio.

Wilson: para compensar o vazio que sentia sem o meu trabalho voltei a estudar, fiz o segundo grau, estudei inglês, adquiri o hábito de ler, que continuou até hoje, ampliei a minha participação no Coral da Igreja Adventista do Sétimo Dias e comecei a freqüentar academia, exercício físico e o Coral já faziam parte da minha rotina.

Astelpar: Como está a vida do senhor hoje.

Wilson: com muito otimismo e com muita fé e confiança em Deus, porque se não confiarmos em Deus, a gente nem levantaria da cama. Hoje, eu posso dizer com toda propriedade que estou vivendo o melhor momento de minha vida. A vida antes era mais autêntica, vivíamos a terra, vivíamos as pessoas, era uma época feliz, mas a minha vida hoje também é boa e tranqüila, viveria mais cem anos assim.

Esse é um pequeno relato sobre a vida de Wilson. Uma vida simples e bonita, de um homem que sempre se dedicou ao trabalho e a sua família, e que tem milhões de história para contar.

Angélica: Parabéns por essa linda trajetória!